

12285 - Experiências Agroflorestais na Zona da Mata Mineira – O grupo Apêti.

Agroforestry Experiences in the Zona da Mata Mineira - the Group Apêti.

GODOY, R. R. Tainah; GAIO, Júlia; MENDES, Raphaela da Silva; RIBEIRO, Juliana; Aguiar,Olivia B. M.; SILVA, Guilherme R.*

* Todos estudantes da Universidade Federal de Viçosa e integrantes do Grupo Apêti, trgodoy@yahoo.com.br; juliagaio@hotmail.com; raphaela.mendes@ufv.br; jutenius@yahoo.com.br; oliviafloresta@gmail.com; guilherme.rodriago@ufv.br

Resumo: O Apêti é um grupo de trabalho, estudo e prática agroflorestal. Desenvolve trabalhos de construção, expansão, troca e difusão do conhecimento teórico e prático acerca dos sistemas agroflorestais. Surgiu a partir da reunião de estudantes de pós-graduação e de graduação através de projetos de pesquisas realizados sobre sistemas agroflorestais em 1995 na Universidade Federal de Viçosa. O nome “Apêti” é uma referência à agricultura realizada pelos Caiapós que produziam alimentos, remédios, madeira e caça de forma equilibrada com o meio. Os Caiapós chamavam de “Apêti” a fase clímax de consórcios de diversas espécies de interesse alimentar, medicinais e madeireiros cultivados em clareiras circulares na floresta.

Palavras-chaves: Agrofloresta, Apêti, Zona da Mata Mineira.

Contextualização

O Apêti, durante anos, conduziu um sistema agroflorestal experimental dentro da UFV, o “Arboreto”, um local não só de estudos, mas também de colheita de frutos, madeira e produtos medicinais. Em 2005, a UFV reivindicou a área para outros fins e, em 2007, o grupo firmou parceria com o CTA-ZM (Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata), o qual cedeu uma área para que o grupo continuasse seus estudos e práticas com sistemas agroflorestais, integrar o grupo com suas atividades na Zona da Mata de Minas Gerais. A partir de então o Apêti vem realizando continuamente trabalhos de acompanhamento no plantio e manejo dos SAF’s com agricultores familiares da região da Zona da Mata, nas cidades de Espera Feliz, Divino, e Araponga. Além deste acompanhamento dos SAF’s, o grupo ministra cursos, oficinas de Agrofloresta Sucessional e mutirões com estudantes da UFV, nas áreas de experimentação (CTA-ZM, MataGAO, Palmital).

Para que tornemos práticas as nossas convicções de que a agrofloresta é uma alternativa sustentável ao modelo vigente de produção de alimentos, temos várias atividades durante a semana, que semeiam e fortalecem os laços com os agricultores e os estudantes que se interessam pelo assunto como: Feira de trocas, que se constitui em um espaço onde quem produz produtos agroecológicos pode vendê-los ou trocá-los por outros produtos de seu interesse; a Quinta Agroecológica, que é um dia destinado à discussão de temas concernentes à agroecologia, como uso de agrotóxicos, educação no campo, relação cidade-campo, geralmente com a participação de convidados de outras instituições que vivenciam experiências diferentes das nossas; Mutirão Ciranda, que seria o momento de encontro dos grupos de agroecologia da cidade (GAO, SAUIPE, APETI), com a orientação de algum professor da área, onde as articulações e idéias surgem e se concretizam; além disso temos algumas atividades não concentradas durante a semana, que ocorrem esporadicamente, como oficinas de SAF’s para iniciantes, oferecemos cursos para quem requisitar, como a CEDAF de Florestal, e para fecharmos nossas discussões e praticarmos tudo, temos todo

sábado de manhã o manejo na nossa área experimental, que será o nosso relato de experiência.

Descrição da experiência

O grupo realiza semanalmente uma reunião teórica onde são discutidos e estudados assuntos agroecológicos com ênfase em agroflorestas e são planejadas as atividades promovidas durante o semestre.

Os mutirões práticos/manejo do grupo Apêti são realizados semanalmente no CTA-ZM que possui áreas diferenciadas. Nosso objetivo em manejar essa área é transformá-la em uma vitrine para os agricultores da região, tornando visível o funcionamento de um sistema agroflorestral sucessional e mostrando como é viável implantá-lo nas respectivas propriedades. Aproveitamos o elo que o CTA-ZM já possui com os agricultores como um facilitador de diálogos, e um catalizador de nossas práticas agroflorestrais no meio rural da Zona da Mata. E nesse processo aprendermos melhor a sermos agrofloresteiros, e entendermos os mecanismos de sucessão natural dentro de uma área com interferência humana, trabalhando como otimizadores dos processos sucessionais.

As áreas são: consórcio de Palmito Jussara (*Euterpe edulis*) com café (3); plantio de bananeiras e outras espécies, tais como, mandioca, milho, feijão guandu, feijão de porco, mucuna, margaridão, açafrão, amoreira, goiabeira, gengibre, entre outros (4); área de SAF sucessional (1), em que inicialmente realizou-se um roçado seguido do plantio de estacas de amora, margaridão e gliricídia, e semeadura de mucuna, objetivando a eliminação da braquiária, o enriquecimento do solo e uma melhor utilização do espaço; e outra área de plantio de café e espécies arbóreas (2).



Figura 1. Área experimental do grupo Apêti no CTA-ZM.

No ano de 2009 o grupo Apêti propôs ao CTA manejar uma parte do sistema agroflorestral com café, área situada atrás do galpão de ferramentas. Durante o inverno foram feitas podas e retirada de algumas árvores com a finalidade de abrir o dossel superior para a entrada de luz nos cafés, citrus e bananas do interior da área. Aproveitando a luz, alguns pés de café foram cepados a fim de rebrotarem com nova força, e algum plantio foi feito; banana na borda, cará, taioba e inhame no centro juntamente com sementes de secundárias iniciais e tardias.

Em 2010, aprofundando nos estudos e acompanhando o desenvolvimento da área, avaliamos o manejo realizado e percebemos alguns pontos importantes. Das árvores que permaneceram no sistema, algumas aproveitaram a oportunidade para crescer, outras, como o Jatobá jovem, ressentiram-se com a saída de companheiras. Isso aconteceu porque ao tentarmos rejuvenescer o sistema, no sentido de abertura de dossel, as espécies tardias como o Jatobá diminuíram sua taxa de crescimento para esperar sua vez (isso se apresentou sob a forma de “queima” das folhas pelo Sol).

Como ainda ficaram árvores de grande porte no sistema, o dossel fechou rapidamente com a vinda das chuvas. Estas árvores aproveitando o espaço aberto aumentaram sua copa. As árvores que receberam poda responderam bem e, rebrotaram com vigor. O sistema rapidamente voltou a ficar muito sombreado para o café, banana e também para o crescimento de fruteiras juvenis.

A ênfase do manejo era abrir o dossel superior do sistema para privilegiar o café no estrato baixo e as bananas e fruteiras do estrato médio. Portanto o objetivo não foi bem atendido.

Outro ponto, talvez mais importante, é que na área manejada permaneceram sem podas árvores de grande porte, como paineiras, ingás e embaúbas, todas adultas e algumas com sinais de senescência. Estas árvores que já passaram das suas fases de crescimento rápido, influenciam de forma a retardar o crescimento da área como um todo. Entendemos que o certo seria retirar as árvores grandes senescentes e podar baixo ou alto as que ainda demonstram ter vigor para rebrotar. Essas árvores são as que estão dominando o sistema, elas não foram podadas pela dificuldade da tarefa. Foram podadas outras espécies mais acessíveis e um dos Cajá-mirins foi retirado pois na época avaliamos que sua copa estava muito grande e ele se localizava bem no meio da área.

Existe, portanto, a sombra do estrato mais alto: das árvores grandes adultas, que não foram manejadas (Embaúbas, Ingás, Angico Cangalha, Pupunha); abaixo deste tem a sombra das árvores médio-altas (Açoita-cavalo, Mangueira, Fedegoso, outros Cajás) que foram podadas e rebrotaram e as que não foram podadas; abaixo tem a sombra do estrato médio (árvores tardias de porte alto que estão ainda jovens como Jatobá e Ipês). Os estratos médio-baixo e baixo, formados respectivamente por *citrus* sp. e café, ficaram novamente com pouca luz para produzirem satisfatoriamente.

As bananeiras que foram plantadas nas bordas estão muito bem, e como a bananeira é uma ótima criadora de árvores, têm grande potencial para ser usada para expansão de áreas florestadas. Alguns *citrus* maiores que ocupam o estrato médio-baixo, apresentam vigor e produzem bem, evidenciando o potencial deles nos SAFs, desmistificando então que os *citrus* necessitam de pleno sol. Sua copa pode ser mantida acima dos pés de Café em formato mais aberto. A área possui grande diversidade de espécies, produz manga, castanhas de Arixixá, limão, banana e pouco café.

Já em 2011 o manejo na área 1 foi mais intenso na tentativa de aproveitar a época de podas para o rejuvenescimento do sistema que já apresentava algumas espécies secundárias surgindo enquanto as espécies pioneiras ainda se encontravam em estado de crescimento rápido. Algumas espécies frutíferas também se encontravam bastante maltratadas, no caso das goiabeiras por falta de luz no sistema, que estava bastante sombreado pela presença de árvores de estrato alto que necessitavam de manejo, tanto pela presença de ervas de passarinho quanto pela interferência da luz solar. Portanto nessa área a concentração de esforços se deu para o rejuvenescimento do sistema para a futura implementação de um pomar agroflorestal, e plantio de borda com bananeiras, citrus, tomate, gengibre, araruta, açafrão, milho, muvuca de sementes. Mais a frente desse plantio de borda, abrimos um novo espaço onde implantamos uma horta sucessional, baseados na técnica de Ernst Gotsch. Nessa horta plantamos logo ao logo uma fábrica de NPK, que seriam os margaridões,

gliricídia e o capim elefante, cultivados afim de fornecerem matéria orgânica e nutrientes para a horta, composta de beterraba, berinjela, brócolis, mostarda, tomate, alface, salsinha, as estacas de gliricídia, araruta, mandioca, muvuca de sementes de árvores, e bananas. Na preparação da terra utilizamos cal para correção da acidez do solo, e esterco como adubo orgânico. Além de separarmos o horizonte A do solo, destorroamos o horizonte B numa profundidade de 2 palmos, acrescentamos palhada, e logo após recolocamos o horizonte A.

Também manejamos a área 2, podamos drasticamente alguns cafés que se encontravam fracos e não apresentavam salubridade, com perda de folhas e fraco florescimento, e baixíssima produção de frutos. Além da poda dos cafés, podamos também as árvores que estavam consorciadas para um aumento da entrada de luz no sistema conseqüente benefício para o café e surgimento de outras espécies que esperavam a sua vez no sub-bosque. Manejamos também a área do bananal, onde retiramos algumas bananeiras do sistema, que se encontravam já improdutivas, e impedindo a sua futura rebrota, para essa área planejamos também a poda de algumas árvores de estrato alto, e a retirada de alguns indivíduos senescentes do sistema, como algumas embaúbas.

Resultados

Não pretendemos criar um modelo de SAF ou de forma de manejo. Pretendemos alcançar o maior entendimento possível do ecossistema trabalhado. Avançar o máximo que conseguimos no manejo e desenho do SAF do CTA é por em prática nossos estudos, isso não quer dizer que achamos que todos os SAFs devam ser manejados e entendidos dessa forma. Compreendemos, como grupo que se propõe a trabalhar com agroflorestas, que deve-se *a priori* levar em consideração os aspectos sócio-culturais e econômicos do público com o qual se trabalha.

O grupo busca aprendizagem e geração de tecnologias alternativas. Em contrapartida, acreditamos que a área do CTA pode servir como demonstrativa de uma experiência, visto que o CTA sempre recebe agricultores e outros visitantes nos encontros que promove. Será estimulante para os agricultores ver a continuidade da experimentação com SAF na área do CTA.